

Beladona, Meimendro e Mandrágora: As 3 Ervas das Bruxas da Idade Média

Sabrina T. Martinez*, Márcia R. Almeida, Angelo C. Pinto

*bina.stm@hotmail.com

Os cultos praticados por bruxas e charlatãs, na Europa da Idade Média e do Renascimento, estavam intimamente ligados ao consumo de 3 ervas da família Solanaceae, conhecidas pelos nomes populares de beladona (*Atropa belladonna*), meimendro ou belenho (*Hyosциamus niger*) e mandrágora (*Mandragora officinarum*).



Atropa belladonna



Hyosциamus niger



Mandragora officinarum

Figura 1: Espécies da família *Solanaceae*

(http://zagreb.hrsume.hr/contents/opasnosti/biljke/slike/AtropaBelladonna_800.jpg, 2008;

<http://www.naturefg.com/pages/aplants/hyosциamus%20niger.htm>, 2008;

http://www.awl.ch/heilpflanzen/mandragora_officinarum, 2008).

Associadas a bruxaria na Europa, porque permitiam fazer profecias e adivinhações, estas 3 solanáceas de composição química parecidas eram usadas para a preparação de unguentos com as quais as bruxas se untavam e que, supostamente, as faziam voar. Este unguento, conhecido como “fórmula de vô”, era passado em certas partes do corpo, principalmente, as mais peludas e esfregado sobre o cabo de uma vassoura, que era colocada entre as pernas das bruxas como se fosse um instrumento de vô.



Figura 2: Representação das bruxas na Idade Média
(http://www.geocities.com/alkimist_2000/BRUXAS.jpg, 2008).

Os efeitos alucinantes e a sensação de voar causado por estas ervas podem ser explicados pela presença dos alcalóides tropânicos escopolamina, atropina e hiosciamina, no unguento. O nome dado ao gênero *Atropa* vem de Átropos, uma das 3 parcas da mitologia grega, a inflexível, aquela a quem cabia cortar a corda ou o fio da vida. As outras duas eram Cloto, a fiandeira e Laquésis. Estas 3 divindades eram responsáveis pelo destino das pessoas. O nome *Atropa* faz jus aos usos letais causados pela ingestão de quantidades moderadas desta planta.

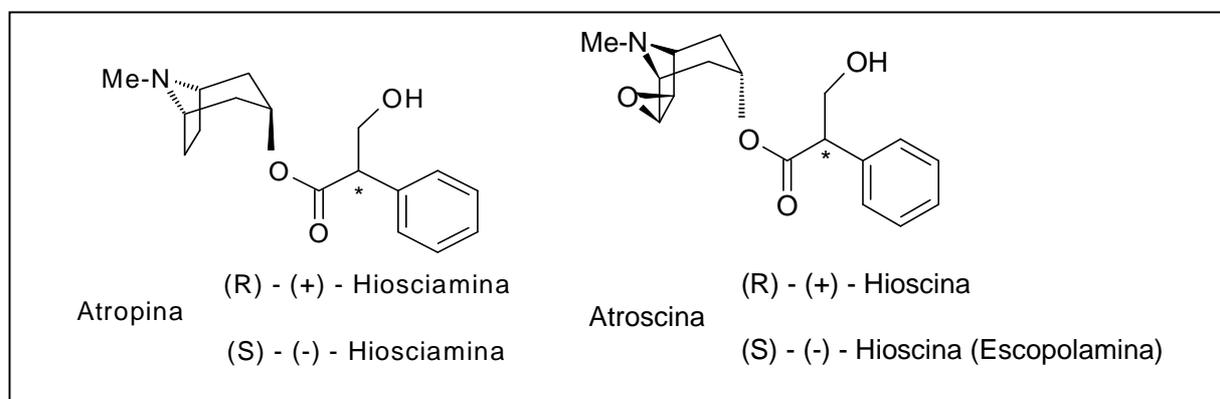
A denominação *belladonna* se origina da prática comum entre as mulheres italianas da Idade Média que pingavam nos olhos o sumo espremido das bagas pretas da planta para provocar a dilatação das pupilas. Ter pupilas dilatadas e brilhosas era sinônimo de beleza, daí o nome belladonna que significa belas mulheres. Na mitologia grega, as mênades “com seus olhos de fogo”, se entregavam aos adoradores do deus Dionísio, nas orgias, para depois despedaçá-

los e comê-los. É provável que ao vinho dos bacanais fosse adicionado sumo de beladona.



Figura 3: “ O Bacanal” - Obra de Tiziano Vecelli (<http://www.uco.es/.../Galerias/12Bacanal-Tiziano.JPG>, 2008)

O principal componente do sumo dos frutos da *Atropa belladonna* é a atropina. Este alcalóide foi durante muito tempo a base de colírios usados em tratamentos oftalmológicos para causar midríase. A atropina consiste na mistura racêmica de D-hiosciamina e L-hiosciamina, formada durante o processo de extração, sendo que os efeitos anticolinérgicos se devem praticamente à forma L. Já a atroscina é a mistura racêmica de D-hioscina e L-hioscina. A escopolamina corresponde à L-hioscina que é muito mais ativa que a D-hioscina.



Estes alcalóides possuem efeitos psicoativos alucinógenos, caracterizados por um estado de embriaguez, seguido de um sono profundo acompanhado de amnésia. Causam delírios e, ao que parece, a sensação de levitação, fato que explica as viagens fantasiosas das supostas bruxas.

A atropina foi isolada pela primeira vez em 1831 da espécie *Atropa belladonna* por um químico alemão chamado Mein, entretanto a espécie já era conhecida por suas propriedades terapêuticas entre os romanos, egípcios e gregos.



Figura 5: Representação das Parcas (<http://www.wicca-argentina.com.ar/.../imgs/Moiras.jpg>, 2008).

Outra espécie de Solanaceae de importância histórica é a *Hyosciamus niger*, popularmente conhecida como meimendo ou belenho. Registros como o Papiro de Ebers, uma espécie de pergaminho, com escrita hieroglífica, deixado pelos antigos egípcios, indicam que esta planta era usada em poções medicamentosas cerca de 1500 anos a.C para aliviar a dor e induzir estado de total inconsciência. Na Grécia, o belenho era utilizado em envenenamentos, nas manifestações de loucura e para proferir adivinhações. Há indícios de que as sacerdotisas do oráculo de Delfos faziam suas profecias intoxicadas com o sumo das sementes do belenho. Entretanto, o emprego mais conhecido do belenho foi

como ingrediente principal nos chamados unguentos de vôo preparados por bruxas.



Figura 6: O Papiro de Ebers (<http://www.ugr.es/~ajerez/proyecto/imagenes/historia5.jpg>, 2008)

Já a *Mandragora officinarum*, nativa da região do mediterrâneo e conhecida popularmente como mandrágora foi considerada uma planta mágica com diversas virtudes. Referências à mandrágora retrocedem as sagradas escrituras e a antigos manuscritos orientais. A Mandrágora se tornou famosa na magia e na bruxaria devido aos seus efeitos narcóticos e pela forma estranha de sua raiz. Sua raiz apresentava aspecto ramificado e contorcido assemelhando-se ao corpo humano, fato que colaborou para seu consumo. De acordo com a Teoria da Assinatura dos Corpos de Paracelso, estas raízes faziam bem para alma e para a saúde do corpo, devido as suas características morfológicas.

A coleta da mandrágora era envolta em mistérios e crenças. Segundo a lenda, a mandrágora crescia perto dos patíbulos sobre a baba dos enforcados. Uma das crenças admitia que a planta emitia gritos quando era arrancada da terra, e era capaz de enlouquecer quem a arrancasse. Uma das maneiras de

obtê-la era prender a raiz na coleira de um cão faminto, e açoitar o animal. Este ao tentar a fuga arrancava a raiz e caía morto.



Figura 7: Representação da raiz (<http://beckerexhibits.wustl.edu/Herbal/1/codex1.jpg>, 2008).

A mandrágora é mencionada na Bíblia, em gênesis 30, 14-17, onde seu uso é atribuído ao seu suposto poder afrodisíaco. Aos frutos dessa planta, também chamado de maçã do amor, creditava-se à fecundidade, daí a razão do título “A Mandrágora” de uma famosa peça de teatro escrita pelo italiano Maquiavel. A idéia de que a mandrágora tornava fecundas as mulheres estéreis se espalhou de tal forma, que os charlatãs da Idade Média procuravam fabricar qualquer coisa para uso das supersticiosas. Em torno deste tema gira a história da peça teatral de Maquiavel.

Esta planta possui de 0,3 – 4,0% de alcalóides tropânicos como a hiosciamina e hioscina, substâncias responsáveis pela amnésia causada pela ingestão dos frutos desta solanácea.

As três solanáceas descritas são fontes ricas de alcalóides tropânicos. Estes alcalóides apresentam efeitos que diferem dos alucinógenos naturais

usuais. A atropina e a escopolamina, por exemplo, são extremamente tóxicas e seu consumo leva a amnésia durante a intoxicação, além da perda de sentido da realidade e a um profundo sono.

Atualmente medicamentos contendo alcalóides tropânicos são utilizados para a diminuição de cólicas renais, em espasmos brônquicos, espasmos do trato gastrointestinal, e como anestésicos locais. Também são utilizados como antídotos em envenenamentos por inseticidas das classes dos organofosforados e dos carbamatos.

A família Solanaceae possui aproximadamente 2600 espécies que estão distribuídas em 90 gêneros. Apesar de algumas solanáceas serem tóxicas, como as aqui descritas, outras, como a batata e o tomate, são usadas na alimentação de todos os povos. Membros desta família variam de árvores a pequenas ervas anuais e com características morfológicas das flores e dos frutos completamente distintas.

O nome dado ao gênero: *Solanum* L. origina do latim do verbo *solari*, que significa consolar ou aliviar devido às propriedades calmantes (narcóticas) de algumas espécies do gênero, como *Atropa belladonna*, *Hyosciamus niger* e *Mandragora officinarum*.

Referências Bibliográficas:

1-Burreson, J.; Couteur L. P.; **Botões de Napoleão: As 17 moléculas que mudaram a história.** 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 2006, 344p.

2-Mann, J. **Murder, Magic and Medicine.** 1. ed. Nova Iorque: Oxford University Press Inc, 1992. 232p.

3-Schultes, R. E.; Hofmann, A.; Ralsch, C. **Plantas de Los Dioses: Las fuerzas mágicas de las plantas alucinógenas.** Fondo de Cultura Económica, México. 2000.

4- Penna, M. **Botânica Pitoresca.** Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.